

A palavra dos “retornados” nas entrelinhas da descolonização: *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, e *Os retornados – Um amor nunca se esquece* de Júlio Magalhães

Isabel Azevedo
Universidade de Graz

Introdução

Num século xx marcado por guerras, regimes políticos extremistas e crises económicas que geraram movimentos migratórios e exilados nos vários cantos do mundo, Portugal demarca-se no contexto europeu pelo tardio abandono das colónias africanas, além desse ultrarrápido processo de descolonização ter sido movido por uma revolução e por uma posterior tentativa de compor o perfil ideal para integrar a Comunidade Económica Europeia (CEE), atropelando aqueles que, expulsos de África, aterram num país de que apenas sabiam ser a metrópole. A violência deste processo foi surgindo timidamente na literatura, mas na última década despoletou como argumento, ao mesmo tempo que outras formas de arte também se debruçaram sobre o tema, bem como os *media*.

A literatura portuguesa tem assistido ao surgimento de romances que poderão estar a estabelecer um subgénero no âmbito da literatura de Guerra Colonial, designados romances pós-guerra, dado que o tema da descolonização, traduzido na fuga de milhares de pessoas de África, vem criar uma nova perspetiva na vasta produção literária pós 1974, que se centrava maioritariamente sobre a Guerra Colonial. Após três décadas pautadas pelo silêncio respeitante ao último capítulo do império português, foram publicados cerca de uma dúzia de livros, na maioria romances, comumente apelidados de literatura de “retornados”.

A propósito de identidades em movimento e da construção de diferentes identidades nacionais na África de língua portuguesa, bem como em Portugal, vem a ser interessante analisar o impacto que a literatura de “retornados” poderá ter nessa discussão, considerando que abordam o tema da fuga de portugueses oriundos da África colonial, “exilados” geograficamente (daí a identidade em movimento), mas culturalmente ligados

a essas nações africanas. Apesar dos evidentes traços comuns de uma vivência africana, colonial, de fuga e perda, desenraizamento e recomeço, o “retornado”, revela, no plano literário aqui em análise, traços identitários nem sempre homogêneos. Quer literariamente quer historicamente, este grupo de textos apresenta uma identidade algo híbrida entre ser português e ser africano.

Um novo subgênero: a literatura dos “retornados”

A irrupção desses romances no início do terceiro milênio, publicados numa espécie de “marketing da nostalgia” (Ribeiro 2010), perspectiva a temática do fim do império português num outro prisma e levanta dúvidas sobre o sucesso do processo de integração de cerca de meio milhão de pessoas em Portugal – apelidados de últimos filhos do império português. Se durante trinta anos pareceu haver consenso (pelo menos político) sobre o processo de integração dos “retornados”, assente na tese de que Portugal teria conseguido integrar esses desalojados sem consequências sociais ou políticas duradouras, essa literatura vem questionar essa certeza. Urge portanto refletir na mensagem do discurso histórico-político vigente contrapondo-a à perspectiva que estes romances apresentam. Nesta reflexão, pretendo, baseando-me nesta ideia-antítese e concretamente nos romances *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2011) e *Os retornados – um amor nunca se esquece*, de Júlio Magalhães (2008), apresentar o “retornado” como representante da dor de uma geração, da memória coletiva daqueles que vieram de África. Ambos os romances se centram na tragédia humana que milhares de pessoas viveram no pós 25 de Abril com a consequente descolonização de Angola e revelam-se, enquanto elementos de debate do processo de descolonização, imprescindíveis para se perceber como a memória histórica do século xx português assimilou ou rejeitou os “retornados” no discurso de identidade portuguesa. A literatura de “retornados” vem assim contribuir para o debate de um episódio da história nacional algures camuflado entre Guerra Colonial, Revolução dos Cravos e entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Na última década, as antigas colónias africanas, em particular Angola, recuperaram uma importância estratégica para Portugal, uma vez que se apresentam como um lugar de desenvolvimento económico e cultural, onde Portugal investe e para onde exporta mão-de-obra. Igualmente, o

período de reflexão que a recente democracia portuguesa vive, atendendo à crise económica, e o fato de em 2014 se ter comemorado os 40 anos do 25 de Abril, torna essa reflexão mais constante, integrando inclusive o *prime time* dos *media*, como atesta a transmissão de séries televisivas que serão referidas mais à frente.

Estes romances situam-se na África portuguesa, aludindo a lugares que habitam a memória do espaço colonial, embora a(s) vivência(s) africana(s) que relatam não se insira(m) no âmbito da literatura africana, como os escritores africanos a narram, ou seja, não parecem passíveis de integrar a literatura africana de língua portuguesa. Como definir então estes romances de “retornados”, que narram e tematizam ecos africanos em Portugal, por vezes nostálgicos, criando uma ruptura ou fenda na mítica e heroica tese de Portugal como nação descobridora ou colonizadora? O conceito de *third space* de Homi Bhabha, adotado por Margarida Calafate Ribeiro (2004) na tentativa de adaptação da tese anglo-saxónica dos estudos pós-coloniais ao caso português, pretende servir ao enquadramento e teorização do lugar desta literatura no âmbito dos estudos culturais e pós-coloniais em Portugal.

Ao longo dos últimos 40 anos, o termo “retornado” tem servido para designar, de uma forma estigmatizante, um grupo cultural heterogéneo, cujo aspeto comum é ter vivido na África colonial, mas não tem em conta a complexidade do termo. É de ressaltar que sob a designação “retornado” se subentende tanto os desalojados de África nascidos na metrópole como os nascidos nas colónias, assim como os que conheciam a metrópole e os que a tinham visitado de férias mas também os que nunca lá tinham estado e dela apenas tinham uma miragem bucólica. Assim, o termo não só não leva em consideração a origem (os que nasceram nas antigas colónias e que portanto não retornavam a lado nenhum), nem tampouco pondera o percurso, nomeadamente dos desalojados do império português, os quais não permanecem em Portugal, tendo a metrópole apenas funcionado como escala para outros países, como o Brasil, por exemplo. O termo “retornado” ignora ainda os desalojados que não chegam sequer a Portugal, que se refugiam na África do Sul.

O termo “retornado” foi definido em Conselho de Ministros na Resolução 105/76 de 5 de maio de 1976 com o propósito de designar todos os portugueses que tivessem vindo das ex-colónias depois de 1 de setembro de 1974, se ali tivessem residido de forma permanente. Engloba cerca de meio milhão de pessoas vindas das ex-colónias, entre 1974 e 1976, que foram obrigados a abandonar África às pressas, de um momento para o outro,

num movimento de retorno apenas comparável numericamente com a saída de um milhão de franceses da Argélia na década de 1960 (Garcia 2012: nota introdutória), embora o número real de desalojados deva rondar o milhão, de acordo com o estudo sociográfico de Rui Pena Pires de 1987. A rapidez deste processo de desalojamento é atestada, por exemplo, pelo caso da ponte aérea, a ligação aérea extraordinária organizada por Portugal com a ajuda de companhias internacionais, que transportou 173.982 pessoas em 905 voos realizados entre 13 de maio e 4 de novembro de 1975 de Angola para Lisboa. Este substantivo criado politicamente pela supracitada Resolução 105/76 acabou por evoluir para um adjetivo carregado de preconceito e hostilidade.

Para os portugueses que viviam na metrópole, os refugiados eram somente os colonos castigados pela sua conduta imoral nas colónias, como evidenciam as seguintes citações de *O retorno*:

[O]s empregados [do Hotel] não nos querem cá e não gostam de nos servir. Acreditam que os pretos nos puseram de lá para fora porque os explorámos, perdemos tudo mas a culpa foi nossa e não merecemos estar aqui num hotel de cinco estrelas a sermos servidos como éramos lá (Cardoso 2011: 91).

Por outro lado, o preconceito em relação ao “retornado” é evidenciado nas palavras irónicas de Rui (o protagonista de *O retorno*), referindo-se ao seu primeiro dia de aulas na metrópole, no qual a professora se espanta por haver um aluno “retornado” louro e de olhos azuis na sala de aula: “Há retornados de todas as cores, em meio milhão de retornados deve haver retornados de todas as cores, até deve haver retornados verdes com pintas amarelas” (Cardoso 2011: 144).

O movimento migratório que se traduziu num exílio para cerca de meio milhão de pessoas ou mais ocorreu em dois momentos, o da expulsão (abrupta) e o da exclusão (prolongada). Foi nesta dualidade que os desalojados das ex-colónias africanas tiveram de (re)construir a sua identidade com evidentes traços de hibridez num Portugal cinzento a viver o Processo Revolucionário em Curso (PREC). A incapacidade dos portugueses no acolhimento e na convivência com os desalojados é também evidenciada por Rui: “[o]s de cá são gente esquisita [...], temos de aprender a contar com a boa vontade dos tугas” (Cardoso 2011: 209), “gente vestida de preto e cinzento, de bege e castanho” (Cardoso 2011: 111).

A explosão deste tema literário que se traduz no resgatar da voz dos desalojados da África colonial portuguesa, concedendo-lhes simultaneamente um lugar na história, pretende integrar a visão, ainda que polarizada, de

quem viveu este momento histórico ou de quem pretende perceber as suas origens (uma terceira geração que abre o diálogo e a ferida). O sentimento de africanidade (ou pelo menos alteridade) que persistiu todos estes anos, apesar do deslocamento físico da terra que os viu partir (e nascer para muitos), poderá estar na origem destes romances que surgem numa espécie de busca de identidade, através da memória, inaugurando uma nova escrita, ou pelo menos uma nova perspetiva, sobre o passado colonial português.

Margarida Calafate Ribeiro refere que o momento da descolonização e do país regressado das margens à origem faz com que se comecem a traçar novas relações (2004: 234-239), tendo despoletado, ainda nos anos setenta, a consciência sobre a identidade histórica portuguesa construída a partir de narrativas surgidas na multiplicidade de vozes ou pontos de vista. Referindo-se a Isabel Allegro de Magalhães, Calafate Ribeiro afirma que o termo “retornado” engloba os “emigrantes chegados de países europeus, soldados vindos das ex-colónias, exilados regressando do estrangeiro e retornados desembarcados de África. Portugal era para estes ‘regressados’ um país imaginado [...]” (2004: 235-236). Segundo a autora, estas “[n]arrativas de guerra, mas também narrativas de regresso [...] são importantes elementos de reflexão sobre o modo europeu/português de estar em África [...], são peças indispensáveis para entender o modo de estar hoje em Portugal” (Calafate Ribeiro 2004: 256).

Isabel Gould corrobora estas afirmações, defendendo que a “literatura de retornados é sobre Portugal, sobre Portugal e a sua relação com África, sobre o eu português, portanto, sobre a identidade portuguesa” (Gould 2010). Ainda assim, não é de ignorar o fato destes romances surgirem como um elemento exógeno à literatura portuguesa, no sentido em que aparentemente não dialogam com a tradição da literatura portuguesa, ao aludirem a um grupo de portugueses que se formou fora de Portugal e se criou em lugares de África, com outras referências culturais e vivenciais. Por outro lado, alguns destes textos rompem com um marcante sentimento nacionalista próprio de um determinado setor da literatura e cultura portuguesas, como já fizera António Lobo Antunes em grande parte de seus romances e intervenções jornalísticas, nos quais a Guerra Colonial, por exemplo, não só é tratada sem nenhum heroísmo, mas também sem nenhuma justificação histórica. Outros, pelo contrário, apresentam uma visão saudosista e acrítica da África perdida, supostamente idílica, onde os colonos brancos tratavam bem os seus empregados negros, como se pode apreciar nos textos de José Francisco Viegas ou Manuel Acácio. Neste

sentido, inauguram uma secção híbrida na literatura portuguesa. A cronologia de publicações revela que a fuga das colónias africanas, enquanto tema literário, foi surgindo primeiramente na sombra da Guerra Colonial. A título de exemplo podemos citar os romances *Autópsia de um mar de ruínas*, de João Melo (1984), *A sombra dos dias*, de Guilherme de Melo (1985), *Jornada de África*, de Manuel Alegre (1989), *A costa dos murmúrios*, de Lúcia Jorge (1988), *As naus*, de António Lobo Antunes (1988) ou *Partes de África*, de Helder Macedo (1991). Ainda na década de 80, surge uma obra de pesquisa jornalística – *Os retornados estão a mudar Portugal*, de Fernando Dacosta e Leonel Brito – paralela ao primeiro estudo sociológico de Rui Penas Pires que reuniu dados estatísticos sobre o fenómeno da descolonização.

Mas é já no novo milénio que a memória do “retornado” emerge na ficção portuguesa. Francisco José Viegas publica em 2002 o romance *Lourenço Marques*, reeditado em 2012. O conto “Leão Velho” de Lúcia Jorge surge em 2004, seguindo-se os romances *Os retornados – três vivências no feminino, num roteiro de África*, de Teresa Pizarro (2004), *Os retornados – um amor nunca se esquece*, de Júlio Magalhães (2008), *O último ano em Luanda*, de Tiago Rebelo (2008), *A balada do ultramar*, de Manuel Acácio (2009), *Retornados – o adeus a África*, de António Trabulo (2009) e *Angola, a terra prometida – a vida que os portugueses deixaram*, de Ana Sofia Fonseca (2009). A segunda década é inaugurada por Isabela Figueiredo com o polémico *Caderno de memórias coloniais* (2010), seguindo-se *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2011), romance apontado como o responsável pelo despertar do interesse editorial e da crítica literária pela temática. Surge também o romance *O último retornado*, de Júlio Borges Pereira (2012). Fernando Dacosta reedita o estudo jornalístico anteriormente referido – *Os retornados estão a mudar Portugal* em 2013. A publicação de estudos jornalísticos, tais como *Voltar – memória do colonialismo e da descolonização*, de Sarah Adamopoulos, ou *Os que vieram de África*, de Rita Garcia, ambos publicados em 2012, vem auxiliar o leitor menos contextualizado a enquadrar as obras literárias no contexto político e histórico-social da época.

E ao que assistimos em pleno século XXI é ao interesse pela memória portuguesa de África, longe da guerra e dos complexos de culpa coloniais, ainda que ligada ao chamado “marketing de nostalgia” (Ribeiro 2010), numa era de rever e até repensar a identidade nacional numa Europa globalizada e multicultural. Como diversas vezes relembra Eduardo Lourenço em *A nau de Ícaro* (2004), um diálogo aberto sobre a memória de África

poderá regenerar o papel de Portugal (enquanto colonizador) no espaço da lusofonia e com isso repensar as relações com os outros membros. Estes romances testemunham que África, mesmo numa era da pós-colonialidade, habita no baú da memória coletiva dos desalojados da denominada África portuguesa. Além disso, como referido anteriormente, estas obras virão a contribuir para uma maior complexidade na construção político-cultural da comunidade lusófona e para um debate mais aberto sobre a luso-africanidade na sociedade portuguesa.

Nas entrelinhas de *O retorno* e *Os retornados – um amor nunca se esquece*

Focando a atenção nos romances *Os retornados – um amor nunca se esquece* e *O retorno*, chama logo a atenção que ambos apresentam uma relação direta com conhecidos dados históricos ou empíricos. De forma explícita nos próprios títulos, mas também atestadas ao longo de ambos os enredos pela interferência de *topoi* comuns, sejam a fuga de África, a visão do império em declínio ou a reflexão sobre o “retornado”, enquanto representante de um grupo, e a sua particular assimilação no discurso nacional português.

Dulce Maria Cardoso, autora do romance *O retorno*, ela própria refugiada de Angola, escreveu sobre os que vindos de Angola chegaram à metrópole no ano de 1975. Neste romance, a perspetiva sobre a descolonização e o conturbado regresso de “portugueses” à metrópole é de um adolescente, o qual, apesar dos seus onze anos, apresenta um olhar nostálgico sobre o passado. A escolha do nome do protagonista, Rui, não terá sido inofensiva, tal como já sublinhara a própria autora do romance, tratando-se de uma forma verbal que pretende funcionar como uma espécie de metáfora do império a ruir: “evidentemente há algumas pequenas brincadeiras, ou seja, o Rui [...], o imperativo do verbo ruir, o império a ruir” (Cardoso apud Khan 2012: 130).

No romance *Os retornados – um amor nunca se esquece*, Júlio Magalhães, também ele retornado de Angola, retrata o drama das pessoas que regressaram a Portugal após o 25 de Abril de 1974, conduzindo o leitor até Luanda e a outras cidades angolanas, como Lubango ou Benguela. Trata-se de um romance com uma forte componente histórica, onde os factos empíricos interagem com os ficcionais, onde parte da trama é passada no avião e intercala várias perspetivas sobre este momento histórico – a de

quem retorna, mas também a dos portugueses da metrópole que desconheciam a realidade das colónias, como a própria hospedeira de bordo, a coprotagonista Joana. Além disso, este livro explora, por um lado, a sensação de apaziguamento com a história, pelo reconhecimento de que o momento revolucionário que Portugal vivia não permitiu fazer melhor do que aquilo que foi feito, recorrendo o autor a vários discursos políticos da época (fontes históricas) para fundamentar esta perspetiva, assumindo-se, por outro lado, a revolta de alguns intervenientes (desalojados) com o complexo processo de descolonização:

No grupo havia ainda quem não desculpasse a forma como a descolonização fora feita: Mário Soares e Rosa Coutinho eram os mais visados, mas quase três décadas depois alguns reconheciam que era impossível ter sido diferente [...]. E é incrível a ligação que eles continham a ter a Portugal (Magalhães 2011: 272-273).

No romance de Júlio Magalhães, *Angola é*, enquanto cenário, revivida como a paisagem imensa, nostalgicamente recordada por oposição ao avião, no qual grande parte da ação se desenrola. Em ambos os romances, explora-se a dor do trauma, ora pelo desencanto do abandono forçado e da perda dos bens, ora pelo revisitar das memórias de África. A disparidade entre a exaltação de expectativas sobre a metrópole bucólica, acumuladas nos últimos dias vividos em África, e a realidade com que deparavam à chegada é atestada na seguinte citação:

[A] grande maioria chegava completamente desenraizada, sem pontos de referência e para a escuridão total. Nem nas profundezas do mato africano se sentiriam assim tão desprotegidos. Amontoados à espera de saber como o Estado português ia solucionar o problema dos chamados “retornados” (Magalhães 2011: 165).

A visão do império português em queda é igualmente uma das linhas de leitura destes romances que assume o seu expoente à medida que os espaços se vão adensando – o aeroporto, os portos em África, o avião, condensando-se na descrição das instalações e do ambiente vivido no Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN):

Estavam lá [no IARN] retornados de todos os cantos do império, o império estava ali, naquela sala, um império cansado, a precisar de casa e de comida, um império derrotado e humilhado, um império de que ninguém queria saber (Cardoso 2011: 86).

É, por fim, a imagem do cais que se estende de Alcântara a Belém (na capital da metrópole) a que permanecera nas últimas décadas como símbolo dos restos do espólio do império português em África. Um cais cheio de contentores e caixotes vindos às pressas da já ex-colónias. E precisamente num lugar que tinha funcionado durante séculos no imaginário português como o do auge da grandeza ultramarina. Este cais a testemunhar a África portuguesa em ruínas contrasta com todo o cenário épico que Salazar se tinha encarregado de salientar durante o Estado Novo, instrumentalizando-o politicamente com a inauguração da Exposição do Mundo Português, em 1940, ou, posteriormente, com a inauguração, em 1960, do definitivo Padrão dos Descobrimentos.

Estacionamos no princípio do cais e os contentores perdem-se de vista ao longo da margem do rio. O Sr. Belchior diz que os contentores são as sobras do império, não deixa de ter piada que estejam a apodrecer no mesmo sítio onde o império começou, alguma coisa quer dizer, alguma coisa devemos aprender com isto, tudo na vida tem os seus porquês (Cardoso 2011: 188).

O “retornado”, representante da nostalgia de um grupo, cuja “identidade é forjada numa ‘dupla diáspora’ primeiro para fora de Portugal, depois para fora de Angola ou Moçambique coloniais, e as suas vivências africanas” (Castelo 2007: 382), assume protagonismo na construção da memória histórica da sociedade portuguesa pós-colonial, abrindo novas vias de interpretação ou teorização do processo de descolonização portuguesa. O “retornado” sem raízes que não se revê na imagem do colono europeu branco regressado à pátria, relembra, ao leitor historicamente menos informado, que o “retornado” não é só quem regressa, mas quem regressa sem nunca ter partido, para quem a metrópole é o refúgio de emigração obrigatório:

Coimbra nunca pensou em regressar a Portugal, até porque “regressar” não seria o termo correcto, já que nasceu em África e nunca estivera no continente. Trabalhava para o Estado português, conhecia bem Angola, a sua terra, como gostava de referir em todas as conversas que envolviam recordações (Magalhães 2011: 127).

Chegado aqui, o Pacaça [...] e nunca se esquece de dizer que tanto é retornado de Angola como de Moçambique, ou melhor, não sou retornado de coisa nenhuma, que a bem dizer nunca aqui tinha posto os pés e já o meu avô tinha saído daqui com a jura de nunca cá mais voltar (Cardoso 2011: 115-116).

Estes romances contextualizam o recente passado histórico de Portugal, no qual as *estórias* conduzem o leitor até África e ao mesmo comprometimento de outras literaturas de língua portuguesa. A imagem de “quase” paraíso africano é uma visão africanizada, mas não é a visão de um africano, nem de um europeu e a perspetiva sobre este período da história portuguesa choca com o discurso oficial, revelando a confusão política “intencionalmente” provocada entre descolonização e o fim da Guerra Colonial, quiçá para abafar este momento dramático da recente democracia portuguesa:

Dizem que o Vítor [que anda a servir no bar do Hotel] não gosta de retornados por causa do irmão que foi fazer a guerra na Guiné e veio de lá maluco. Não sei como podemos ter culpa do que aconteceu lá aos soldados que iam daqui. [...] os soldados foram obrigados, não havia nenhum que quisesse ir para lá, blá, blá, blá. [...] Se o Vítor tivesse ouvido a mãe saberia que nada nem ninguém obriga mais do que fome e que o pai embarcou no Pátria mais obrigado do que qualquer soldado (Cardoso 2011: 128-129).

Conclusão

A abordagem do tema dos “retornados” tem surgido noutras manifestações de arte, além da literatura. Em 2012, o filme *Tabu* trouxe ao cinema a questão da memória e da perpetuação de África no imaginário dos “retornados”. No ano de 2013, a Rádio Televisão Portuguesa (RTP) produziu a série *E depois do adeus*, que pretendeu retratar Portugal a viver o Processo Revolucionário em Curso e, às avessas, tematizar a chegada de refugiados das ex-colónias. Esta série surgiu na sequência da exibição de outra série de grande êxito – *Conta-me como foi* –, que retratava a sociedade portuguesa durante o Estado Novo. A historiadora Helena Matos, como consultora histórica de ambas as séries, comunga da ideia da urgência de se reescrever o capítulo da descolonização, sob a perspetiva da memória coletiva destes “retornados”: “Há um surgimento e não um ressurgimento destas narrativas e isso também é história – ninguém falava na situação deles, que é comum nos casos de refugiados” (Matos 2013). Paralelamente à série, a Rádio Antena 1 emitiu um programa *webradio* intitulado *Memória – depois do adeus, começar de novo*, que visava refletir o ambiente sonoro (músicas e excertos de noticiários radiofónicos da época) do período de 1975 e 1976 em Portugal.

Por um lado, estes romances parecem querer reparar o estigma dos “retornados” e torná-los atores deste capítulo da história portuguesa, sendo uma preocupação clara, nos romances aqui analisados, diferenciá-los dos combatentes da Guerra do Ultramar. Trata-se de estabelecer a factualidade histórica de que os “retornados” não foram (pelo menos não todos) opressores colonialistas, mas vítimas do regime e do fim abrupto do mesmo. Chama a atenção que só alguns romances não partilham esta visão saudosista ou nostálgica, marcadamente individual, até isolada. A título de exemplo, o romance *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo, contrasta com esta perspetiva de fazer as pazes com o passado, assumindo a culpa histórica de muitos colonos que se refugiaram em Portugal. Mais um exemplo, assim, da complexidade semântica que engloba o termo “retornado”.

Mais do que justa, a integração da memória coletiva dos “retornados” é importante para a construção da identidade nacional, seja de Portugal, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde ou São Tomé e Príncipe. Tratar-se-á de traçar um novo rumo no diálogo luso-africano dentro do amplo espectro da lusofonia, integrando a memória coletiva e cultural da comunidade de africanos ou luso-africanos residentes em Portugal desde os anos 70 do século xx. No que confere ao espaço da “cidadania social” da população afro-portuguesa ou luso-africana, esta literatura de “retornados” virá, igualmente, esclarecer sobre uma parte da sociedade portuguesa sobre a qual, apesar da convivência há mais de quarenta anos, ainda se evita falar. Sheila Khan pretendeu com a publicação do seu livro *Imigrantes moçambicanos em Portugal* iniciar o esclarecimento e a discussão deste tema. Durante a sua pesquisa, verificou que para “muitos dos entrevistados a memória é um tempo que passou, o lugar do não-dito, dos murmúrios que, ironicamente, se consolida, também, com a preguiça que a sociedade portuguesa demonstra ao empurrar para as margens a presença destes sujeitos no espaço do tecido nacional e pátrio pós-colonial português” (Khan 2011). Na opinião de Khan, Portugal não terá conseguido integrar estes refugiados, sejam “regressados” ou não, na sociedade, tornando-os pessoas sem voz, logo cidadãos mutilados de um direito fundamental e, deste modo, mantém o fim da colonialidade no plano da amargura pela longa guerra e consequente perda de território.

Nestes romances, fala-se de memórias através de um desenterrar de um modo de ser e viver africano, perspetivado na visão daqueles que, nascidos ou emigrados em Angola, residem a partir de 1974 num Portugal povoado de preconceitos herdados do fascismo. Este ato de pôr a descoberto,

em que a dicotomia branco/negro se desdobra numa noção polissêmica de “retornado” – africano/português; angolano/moçambicano; português/retornado; retornado nascido na metrópole/nascido nas colónias, cria um espaço identitário-cultural híbrido com o qual a sociedade portuguesa começa a dialogar. Parafraseando Inocência Mata, parece que, por um lado, as literaturas africanas de língua portuguesa participam da tendência, quase um projeto, de investigar a apreensão e a tematização do espaço colonial e pós-colonial e regenerar-se a partir dessa originária e contínua representação, sendo um instrumento nacional para contar a história de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique ou São Tomé e Príncipe. Ao mesmo tempo e por outro lado, a condição ou característica pós-colonial da literatura portuguesa debruçar-se-ia sobre a intenção de recuperar, a partir da memória narrativa dos denominados “retornados”, um passado do qual Portugal se alienou e daí que não o tenha incorporado suficientemente, ainda, no discurso da História Contemporânea.

Tal como no caso anglosaxónico, no qual os estudos culturais apresentam um longo trabalho sobre o papel da memória na construção da história nacional, Portugal, à semelhança de outros países colonizadores, poderá, com o surgimento destes romances que aspiram a uma leitura atenta das entrelinhas da descolonização e simultaneamente se perpetuam como testemunhos claros de que a memória coletiva dos “retornados” é parte da história de Portugal, suplantando o vazio histórico ainda vigente na área da historiografia, na sociologia, na história da literatura ou nos dos estudos culturais, entre outras disciplinas.

Neste sentido, servindo-me ainda das palavras de Inocência Mata (2000), inspiradas em Boaventura de Sousa Santos (1994: 279-280), uma das potencialidades destes romances apelidados de “literatura de retornados” poderá ser a contribuição para este projeto de (re)escrita que consiste na “proposta de uma deslocação dentro do mesmo lugar para nele agenciar tanto a catarse dos lugares coloniais como as tensões pós-coloniais”. Desta forma, estaríamos perante um contradiscurso que intenta a mudança no contexto do discurso dominante, sendo o discurso dominante aquele formado pela literatura canónica e com nomes já emblemáticos.

Referências bibliográficas

- CARDOSO, Dulce Maria (2011): *O retorno*. Lisboa: Edições Tinta da China.
- CASTELO, Cláudia (2007): *Passagens para África: o povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974)*. Porto: Edições Afrontamento.
- DACOSTA, Fernando (2013): *Os retornados mudaram Portugal*. Lisboa: Edições Parsifal.
- GARCIA, Rita (2012): *Os que vieram de África*. Alfragide: Oficina do Livro.
- RIBEIRO, Raquel (2010): “Os retornados estão a abrir o baú”. Em: *O Público*, caderno Ípsilon, 12.08.2010. <<http://ipsilon.publico.pt/livros/texto.aspx?id=263209>> (Consultado em 9 de setembro de 2014).
- KHAN, Sheila (2011): “Um silêncio colado à língua – ‘imigrantes’ afro-moçambicanos em Portugal”. Em: *Buala*, Blogue coordenado por Marta Lança <<http://www.buala.org/pt/jogos-sem-fronteiras/um-silencio-colado-a-lingua-imigrantes-afro-mocambicanos-em-portugal>> (Consultado em 9 de setembro de 2014).
- KHAN, Sheila (2012): “O imaginário do império-navio e o inefável namoro Brasil/Angola”. Em: *Via Atlantica*, 22, S. 127-138. <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51686/55752>> (Consultado em 9 de setembro de 2014).
- LOURENÇO, Eduardo (2004): *A nau de Ícaro, seguido de imagem e miragem da lusofonia*. Terceira edição. Lisboa: Gradiva.
- MAGALHÃES, Júlio (2011): *Os retornados – um amor nunca se esquece*. 16.^a ed. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- MATA, Inocência (2000): *O pós-colonial na poesia africana de língua portuguesa*. Lisboa: Universidade de Lisboa. [Texto apresentado no x Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino-Americana de Estudos de Ásia e África) sobre Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro – 26 a 29 de outubro de 2000] <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/>> (Consultado em 9 de setembro de 2014).
- MATOS, Helena (2013): “Depois do adeus, os retornados agora na ficção da TV”. Em: *O Público*, 14.01.2013. <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/depois-do-adeus-os-retornados-agora-na-ficcao-da-tv-1580718>> (Consultado em 9 de setembro de 2014).
- PIRES, Rui Pena (coord.) (1987): *Os retornados: um estudo sociográfico*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- RIBEIRO, Margarida Calafate (2004): *Uma história de regressos, império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1994). *Pela mão de Alice – o social e o político na Pós-Modernidade*. 3.^a ed. Porto: Edições Afrontamento.